

UM JOGO

Por Pedro Salgueiro

Há um rio enorme, precipícios sem fundo —
e seguro-me a ramos frágeis para não cair neles.

Graciliano Ramos

Deu por si sendo carregado, ou arrastado — tamanha era a falta de jeito com que o conduziam. Inicialmente pensou estar sonhando: um desses pesadelos que se tem quase lúcido, ao final de um sono confuso, cheio de sobressaltos.

Vacilou um pouco, não sabendo se demonstrava sua consciência ou se fingia continuar dormindo; decidiu permanecer calado, os olhos entreabertos... pernas e braços soltos, à mercê dos empurrões.

Na posição em que se encontrava, pouco via do caminho: a rua escura, árvores esparsas aqui e ali — percebeu estar chegando ao limite da cidade... os latidos de cachorros, o canto dos galos ecoando pelos quintais, um violão e uma voz triste confirmando a madrugada.

Não conteve um gemido ao sentir nos calcanhares as pedras do caminho; talvez por isso lhe tenham amarrado pernas e mãos para trás: afrouxando um pouco os nós, mas apenas o suficiente para que pudesse afastar devagarinho os joelhos. Em vão tentava enxergar seus seqüestradores, a venda no rosto mal lhe permitia respirar.

Aos poucos percebia que ficavam alguns pelo caminho, pois ouvia pisadas de no máximo três pessoas — sendo que as mais fortes eram suas, disso tinha certeza. As outras ora vinham à direita, ora à esquerda, ou então se perdiam para trás, mas logo ressurgiam ao seu lado — como se o observassem, atentas... medindo suas reações. Procurava não titubear, passadas firmes, queixo levantado, o suor escorrendo pelo rosto. Por uma pequena fresta no lenço distinguia os próprios pés, a vereda em declínio; a brecha parecendo ter sido deixada de propósito. Só parou quando escutou o rolar de pedras ladeira abaixo, poucos centímetros à frente. Sabendo que não as havia jogado, entendeu aquilo como um aviso para que parasse. Mais claramente se fixava em sua mente a idéia de um jogo... de que alguém disputava com ele uma partida perigosa, talvez a derradeira das muitas de que participou durante toda a sua curta existência. Se não fosse a última, certamente seria a mais difícil. E com certeza ele jamais seria o mesmo — porque a mente operava mudanças irreversíveis. O medo e a frieza travavam batalha memorável: às vezes aquele se desesperava, quase ferindo o silêncio da madrugada — a tempo pesava o absurdo da situação... o grito perdido na mata, o inimigo oculto rindo seu primeiro sorriso de vitória, o início de uma empreitada da qual já sabia o final,

milimetricamente calculado; a razão reagia, contendo o soluço e, em silêncio, perscrutando o passo macio do opositor, sua respiração regradada: sabendo que a única maneira de derrotá-lo seria aquela — o raciocínio frio, o sentimento contido; procurando antes de qualquer ação entender o jogo, compreender as regras... e apenas nesse momento reagir. Tinha a seu favor unicamente o silêncio, o controle dos nervos, o conhecimento de que não lhe atribuíam força alguma — contra ele havia quase tudo, o absurdo daquela circunstância, o total desconhecimento das forças do inimigo.

Respirou fundo, localizou com o pé uma pedra; chutou-a com firmeza — a pedra desapareceu como se tivesse sido atirada no vácuo. Reconhecendo que se encontrava à beira de um abismo, procurou adivinhar a posição do inimigo: depois de longa espera o pressentiu pela primeira vez à sua frente, no mínimo espaço que havia entre ele e o vazio — percebeu então a força dele, a sua superioridade evidente, o seu desdém e arrogância, seu completo domínio da situação.

Pela fresta do lenço avistou os pés dele, as pernas longas e a pequena distância que as separava do precipício. Sentiu um impulso de simplesmente o empurrar, mas a facilidade da solução o fez vacilante — não poderia descuidar um segundo, estava em jogo a sua vida (e o que era mais importante naquele momento: tentar compreender a inusitada situação em que estava inserido). E de tudo apenas tinha conhecimento de que participava de um jogo, mas não tinha a mínima idéia do adversário que enfrentava e, muito menos, dos seus planos. Conteve mais uma vez a vontade de se desvencilhar daquela situação incômoda. Respirou fundo... quando avistou novamente os pés firmes do inimigo desfilando a poucos centímetros do abismo (parecia zombar da sua fraqueza e da vitória garantida ao final de tudo). Aí então percebeu por baixo da bainha da calça dele — enroscada no calcanhar magro — a outra ponta da corda, que desde o início lhe atava as pernas e os braços.

Pedro Salgueiro (Ceará) - Escritor. Publicou *O Peso do Morto* (1995), *O Espantalho* (1996), *Brincar com Armas* (2000), *Dos Valores do Inimigo* (2005) e *Inimigos* (2007), de contos, além de *Fortaleza Voadora* (2007), de crônicas. Vencedor de diversos prêmios literários. Seu mais recente livro, *Inimigos*, foi um dos finalistas do Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, em 2008. O Conto acima é do livro inédito *Movimento Esperado*.